

CINEMA E HISTÓRIA COM HUMOR E CRIATIVIDADE

Carla Camurati, a mais recente dama do cinema brasileiro, fala do sucesso do filme *Carlota Joaquina*, de política, de cultura, de História do Brasil e sobre *Copacabana*, seu próximo trabalho

Carla Camurati é cineasta, atriz, roteirista e produtora. Tem 35 anos, é carioca, gosta do ritmo da cidade grande e dedica-se integralmente ao seu trabalho. A jovem que abandonou o curso universitário de Biologia e voltou-se para a carreira artística, já fez telenovela, teatro e, como atriz, seu último filme foi *Lamarca*. *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*¹ é o primeiro longa metragem que ela dirige. Escolheu tratar do período histórico da chegada da Família Real ao Brasil porque considera que ele representou um “segundo descobrimento” para a vida da nação que surgia. Bem humorada, fala de sua vida, de sua carreira e das dificuldades que enfrentou durante as filmagens com a humildade dos que têm a sabedoria de estar sempre aprendendo. Ela é otimista em relação ao cinema nacional, mas não dá receitas e, com

impressionante vigor, fala da busca de equilíbrio e harmonia na velhice, temas de seu próximo filme.

Por: Roseli Fígaro

Revista Comunicação e Educação: *Durante estes anos de profissão você fez um pouco de tudo: teatro, teatro infantil, na TV fez novela, minissérie; no cinema fez pornochanchada, roteiro, dirigiu curtas e agora um longa. Fale um pouco do início de sua carreira, de suas experiências profissionais e de sua opção pelo cinema.*

Carla Camurati: São linguagens completamente diferentes, e o legal é exatamente isso, é trabalhar em cima dessas linguagens. Como atriz, aprendi um pouco de cada linguagem, já que ela é diferente na televisão, que é diferente do cinema. De todas, a do cinema era a que mais me atraía, não só pelo

1. *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*

Direção: Carla Camurati

Produção: Carla Camurati e Bianca De Felipes

Argumento: Angus Mitchell e Carla Camurati

Roteiro: Melanie Dantas e Carla Camurati

Brasil/1994/cor/ficção. (N.E.)

resultado, mas também pelo processo de execução. Para mim ele é o mais gostoso, o mais saboroso. Ele reúne todas as coisas que me fazem feliz. Adoro trabalhar com câmera. Na televisão, o ator não usa a câmera favoravelmente. Primeiro porque está trabalhando num processo industrial muito grande, no qual não há o tempo necessário para fazer isso. Quer dizer, quando está fazendo qualquer coisa na televisão, aquilo tem que ter um ritmo muito intenso. Quando se trabalha com mais de uma câmera, você não prepara a sua interpretação para uma câmera em especial. No cinema, quando estou sendo filmada, eu sei qual é o quadro, qual é a lente que está me pegando, como estou aparecendo, o que é interessante fazer; se eu tenho que ter um movimento com a mão, se eu não tenho; se eu estou de corpo inteiro, se eu não estou; e isso altera a sua interpretação. Na televisão não se sabe, você não tem esse dado.

RCE: *Essa sua experiência anterior, tanto com o teatro como com a TV, foi importante para o seu desempenho como diretora?*

Carla: Com certeza. Mas deixa eu só concluir isso que eu estava dizendo. O teatro também tem uma coisa saborosa, que é o improviso. Mas, no teatro, às vezes você perde um dia de espetáculo; por algum motivo você não interpreta bem. Neste sentido, ele é muito frustrante. Porque provavelmente aquelas pessoas que assistiram àquela sessão...

RCE: *Elas vão te odiar.*

Carla: Não, elas nem vão te odiar, elas não vão ter visto o melhor. Quem detém o saber do fazer bem

ou do fazer mal é você mesmo, o que é mais solitário ainda, pois você sabe que não fez o seu melhor. O cinema, de alguma maneira, conseguia me trazer todas as qualidades. Eu sabia como trabalhar com a câmera. E o resultado do cinema, o tamanho da imagem para mim é fascinante. Além do fato de você poder assistir a alguma coisa coletivamente, o que é muito melhor do que assistir sozinho na sua casa. Você se prepara, ir para um lugar, sentar ao lado de várias pessoas e, junto com essas pessoas, ter uma experiência emocional, dar gargalhadas durante horas, ou chorar ou qualquer coisa. Isso tem uma energia que é linda, faz parte da platéia e para mim é a mais perfeita das experiências.

Agora, o fato de eu ser atriz me ajuda muito na direção, principalmente no trato com os atores. Não que, necessariamente, o fato de ser atriz faça com que você dirija bem os atores, não é isso. Mas me facilitou a comunicação com eles, entender as dificuldades, não ter uma relação de tirania e, ao mesmo tempo, ter firmeza. Nada melhor para um ator do que ser bem dirigido. Isso não significa deixá-lo fazer o que ele quer fazer, pois nem sempre o que ele quer é o que é bom ser feito: é o diretor quem tem noção do todo. Então, você tem que ter uma direção muito clara para dar ao seu elenco, à sua equipe. É preciso ter um trato delicado no entendimento, na conversa com os atores, e a minha experiência como atriz colaborou com isso.

RCE: *Seu primeiro curta **Mulher fatal** foi financiado com verbas provenientes da Lei Sarney. Que*

condutas você acha que deveriam ser adotadas hoje para termos uma política cultural eficiente?

Carla: Acho que temos que ter, no país, leis protecionistas em todos os sentidos e em todas as áreas. Estamos passando por um momento em que temos que tomar muito cuidado com relação à privatização, por exemplo. Porque quando se privatizam empresas que são cabeças de bugre, empresas que não dão lucros, que estão endividadas, isso pode ser uma atitude interessante, o Estado realmente não precisa deter tudo. No entanto, quando você privatiza empresas que vão mexer com as riquezas de seu país, isso é complicado. Quando você mexe em energia, comunicação e petróleo você está cometendo um grande erro. E na nossa história mais ainda, porque nós temos dois problemas. Primeiro, temos uma ausência de controle do Estado, não estou me referindo ao governo do Fernando Henrique especificamente, quero dizer ao longo dos governos. Os nossos governos, de uma maneira geral, nunca conseguiram controlar o preço de uma escola, o preço de um carro, o preço de nada. De nada! Só do salário. É a única coisa que se consegue controlar: o salário mínimo. Porque é um pacto comum das grandes empresas e do governo, enfim, é uma associação. De resto, nada é controlado. Esse negócio de dizer assim: "ah, privatizar estimula a competição, estimula não sei o quê...". Tudo estimula aqui, mas o que estimula sempre é ganhar dinheiro, nada estimula baixar o preço das coisas. Eu não vi nada mais barato porque o Brasil abriu as importações. Nem

as importações ficaram mais baratas. Temos alíquotas mais baixas mas o preço está lá em cima. Só servem para as importadoras ganharem mais, não para elas venderem mais barato. Isso é uma relação de comércio que não consigo entender. Então, quando não se criam leis de proteção para o nosso país é porque o negócio não é tocar o Brasil para frente. Se você consegue andar dez passos sozinho, mas você conseguiu proteger as coisas e harmonizar o país, é melhor do que você andar cem quilômetros, vendendo tudo, largando tudo... Porque não existe transformação radical para um país desse tamanho e com o desequilíbrio que o país tem. O que se quer é harmonia e a harmonia não busca a perfeição de todas as áreas, mas um equilíbrio, o que naturalmente faz com que tudo melhore. A harmonia é a coisa mais importante, não precisa nem de grandes revoluções para isso. É uma coisa meio medíocre no sentido de que é um pouquinho aqui, um pouquinho acolá. Mas é isso que é o equilíbrio, é um pouquinho em cada prato!

RCE: *E com a cultura também é assim?*

Carla: Eu acho que com a cultura também. De alguma maneira, o que se tem que fazer é criar meios de proteção de mercado. Esse negócio de mercado aberto, mercado livre, não sei de onde eles tiraram isso porque é uma baboseira, isso é conversa pra boi dormir! E como temos um problema seriíssimo de desinformação no nosso país, metade das pessoas aderem à opinião sem conseguir ter nenhuma profundidade no que elas estão falando.

Por isso me preocupa muito quando as coisas se baseiam em pesquisas de opinião, no IBOPE, porque quando você pega as pessoas no meio da rua e diz: “Você é a favor da privatização?” — “Eu sou”; “Ah, eu não!”. Essas pessoas não resistem a cinco minutos de conversa, elas não sabem do que estão falando. Não é por mal, elas não sabem porque a informação não é corretamente divulgada, as consequências não são corretamente divulgadas. Logo, essa contagem é nula. Porque só na hora em que vierem as consequências as pessoas vão se dar conta do que elas estavam dizendo. É uma situação perigosa. Por isso eu acho que na cultura você tem que criar meios protecionistas.

Um mercado aberto sempre interessa aos Estados Unidos que, na verdade, é quem mais prega o mercado aberto. A Europa não prega o mercado... Inclusive a Europa está abrindo para se fechar. Ela não está abrindo para o mundo inteiro. Ela está abrindo entre ela, a Comunidade Européia. O que eles querem é fechar para fora. Se alguém entende a criação da Comunidade Européia como um movimento de abertura, precisa olhar macro, está focando errado. Eles estão abrindo para fechar.

Quanto aos Estados Unidos, nada entra lá. Cinema não entra lá; teatro não entra. Música de outros países também não entra. Eles aceitam sapatos, porque compram a preço de banana. Entra o que interessa a eles sob condições muito especiais. É um país fechado. Fechado de tal maneira que, culturalmente, se você não faz um filme em inglês, você não tem o



Gentileza: Pró-Cultura

mercado americano porque a primeira coisa que falam — que é uma desculpa maravilhosa — é que americano não gosta de ler legenda. Isso é uma maneira de proteger o mercado deles, são as mídias que impõem. Eu não acredito que seja o povo americano que não gosta de ler. É mais fácil, se eu sou dona da Colúmbia, dizer assim: “olha, me desculpe, aqui você não vai poder entrar com o seu filme porque o mercado americano não gosta de ler legenda, isso é comprovado”. Tal atitude obriga as produções dos outros países a fazerem os seus filmes piores, despersonalizando-os. Pois, se eu faço um filme no Japão, com atores falando inglês, é claro que esse filme não terá toda a força cultural

e expressiva que teria se todos falassem japoneses. Assim também com o filme brasileiro. Isto funciona como uma lei de proteção de mercado feroz. Então, nós também temos que criar leis de proteção.

RCE: *Isso que você está dizendo é muito próximo daquilo que você declarou nos jornais, em 1993, ainda no governo do presidente Itamar Franco, de que nós estávamos passando por um momento de antinacionalidade. É isso ainda hoje?*

Carla: Não, eu acho que o governo do Presidente Itamar foi maravilhoso nesse sentido. Eu gostei muito da experiência que tivemos no governo dele. De novo não soubemos olhar o que tínhamos na mão. Nós somos ingênuos. O Brasil é um país ingênuo, infantil. Às vezes agimos feito criança, temos a imaturidade da adolescência, que ao mesmo tempo em que tem o brilho, a vivacidade, tem a imaturidade, que é um saco! Isso que é bonito na vida, é também complicado porque temos as nossas energias todas sempre em desequilíbrio: quando você ganha sabedoria você perdeu a fisicalidade. É complicado harmonizar tudo.

Mas o Itamar conseguiu harmonizar o país de uma maneira boa porque ele tinha um ego muito controlado. Ele é um senhor de uma visão muito inteligente, mais inteligente do que as pessoas imaginavam... Então, só porque ele tinha lá o topete dele, todos o achavam um bobo. Bobos fomos nós porque ele deu rasteira numa série de trotes que ele recebeu. Ele só não fez mais pelo país porque ele foi derrubado pela mídia, devido a várias atitudes dele que eram muito inte-

ressantes. Hoje você olha e vê que o Fernando Henrique tem muito mais dificuldades de impor a sua opinião do que o Itamar tinha. Quer dizer, lidar com o poder é uma coisa complicada. Então, eu acho que o Presidente Itamar colocou o país em equilíbrio num momento de desequilíbrio total, que foi o momento do *impeachment*. Não melhoramos o nosso país ainda mais exatamente porque sofremos um processo de esquizofrenia. As pessoas que se diziam inteligentes, que nós julgávamos serem inteligentes, estavam sendo completamente bobas. Foi o que se fez com o Collor, dando mídia para ele. Por outro lado, tirou-se a mídia do Itamar em momentos muito definitivos, como, por exemplo, quando ele brigou pelo preço dos remédios dos laboratórios. Era uma atitude muito sábia e muito importante; no entanto, foi ridicularizada até não poder mais. Um dia bateram no IBOPE e chegaram à conclusão de que a Nação achava o Itamar muito legal: as revistas todas queriam, então, fazer matéria sobre o Presidente que mudou a História... Gente que passou dois anos sacaneando, gente que passou dois anos ridicularizando. Por isso, eu acho que precisamos entender que a vida é curta, que todas as pessoas estão de passagem e que está nas nossas mãos transformar essa relação de existência. Podíamos fazer um pacto comum, inteligente. Afinal, todos vamos viver pouco, daqui a cem anos ninguém que está aqui vai continuar aqui. Então, vamos todos usufruir bem o que temos: seja o nosso espaço físico no planeta, seja dinheiro, material. Vamos dividir para que não se criem dese-

quilíbrios tão grandes, pois nós mesmos vamos pagar por eles. Quem tem dinheiro vai pagar tanto ou pior do que quem não tem, porque, quando se cria um desequilíbrio muito grande, tem a volta disso, não tem jeito, não adianta a gente se esconder.

RCE: *Por que você resolveu fazer um filme sobre a História do Brasil e como chegou à idéia do argumento do filme?*

Carla: Porque eu acho que temos uma História pequena, não chega a 500 anos, e não sabemos nada sobre a nossa História. Eu também não sabia nada. Hoje eu sei muito sobre esse período porque eu li muito, mas eu também não sabia, e eu acho que quem não sabe a sua História, quem não sabe muito bem pelos buracos que passou não anda para frente, cai sempre no mesmo buraco, cai sempre na mesma situação. Você faz a volta e cai ali de novo. Quando eu estava pesquisando para o meu filme, li que as ruas do Rio de Janeiro tinham buracos, eram ruas muito horrorosas, as caruagens ficavam emperradas, era um inferno. E aí eu andava pelas ruas do Rio de Janeiro e pensava, será que tem os mesmos buracos? Será que tem algum buraco que existe há todos esses anos? Eu resolvi fazer o filme por causa disso. Eu cheguei a esse argumento porque, lendo sobre a História do Brasil, concluí que esse momento era talvez o mais definitivo, no sentido de que ele era um segundo descobrimento do Brasil. Porque o Brasil foi descoberto, mas só passou a ser usado quando a família Real chegou em 1808. Aí as coisas começaram a ser formadas.

RCE: *O tom de deboche em **Carlota Joaquina** é uma crítica à nossa História ou você acha que o deboche é um gosto nacional e por meio dele você pôde atingir o público?*

Carla: Discordo radicalmente que o filme seja debochado. Não gosto de deboche. Não sou debochada. Meu filme é lúdico, é diferente. Ele é brincalhão. Deboche é uma coisa ácida, ele não é ácido. É lúdico, é infantil, tem a imaginação de uma criança. Não tem nenhuma malícia nas coisas que propõe. Eu estou falando do final da Monarquia Absoluta, é uma situação que ou você trata o filme de maneira trágica e dramática, e aí pelo lado da tragédia me interessaria mais do que pelo drama, ou de uma maneira engraçada. Preferi abordar pelo lado engraçado. Acho engraçado você ter uma rainha, D. Maria I, que fica louca, fica vendo o demônio correndo atrás dela. Só posso achar engraçado, porque vivo quase 180 anos depois. Isso me diz respeito devido a outras conseqüências, mas não consigo chorar por causa disso, nem engrandecer tal fato, só consigo achar engraçado.

O filme é lúdico, ele brinca como um desenho animado. Ele está mais para **Tom & Jerry** ou para **Jeanny é um gênio**. Inclusive eu não quis que nenhum dos atores debochassem de nada, os atores fizeram tudo na maior seriedade. Se a gente ri do Nanini porque ele faz D. João, é porque ou você ri ou você tem nojo; essas seriam as duas opções. Transformá-lo num príncipe maravilhoso, num homem chiquêrrimo, de uma elegância acima do bem e do mal, não ia dar. Eu estaria distorcendo a nossa

História, coisa que não iria me agradar nem um pouco. Ou você poderia vê-lo como um porco nojento, o que eu não queria fazer. Coisas que todo o mundo sabe, como por exemplo que ele guardava o frango dentro da bolso, eu não coloquei, porque passaria uma imagem excessivamente grosseira. Só coloquei ele comendo! Agora você vê como é o poder da imagem, quer dizer, só o fato de ele estar comendo todo o mundo já acha um horror. Gente, isso é metade do que D. João fazia. Ele comia a cochinha e guardava o ossinho no outro bolso. Era mais nojento ainda.

Mas também temos que compreender que aquela era uma época cujos padrões eram outros. Então tudo isso tem que ser dosado.

RCE: *Você pensou em construir a idéia de engraçado através da personagem infantil, da menina ima-*

ginando a história que o tio lhe conta? É a criança que vê D. João engraçado?

Carla: É ela vendo, e é por isso que ela se assusta com as coisas, por isso ela imagina mais.

RCE: *A resolução através da figura do narrador trouxe esteticamente e temporalmente várias contribuições para o filme, não trouxe?*

Carla: Ah, claro, usei isso como recurso de roteiro. Eu queria um filme para qualquer idade, queria ter a liberdade de imagem, quer dizer, qualidade com liberdade de imagem. Acho também que a melhor maneira de se aprender é quando nos divertimos, é quando o saber é uma coisa lúdica, você aprende muito mais do que quando é uma coisa séria. É muito mais fácil eu me lembrar, na minha vida de colégio, das aulas em que me divertia do que das aulas em que



Carlota (Marieta Severo) tenta convencer D. João (Marcos Nanini) a não abandonar Portugal, a enfrentar Napoleão e suas tropas.

estava ouvindo, ouvindo... e em que eu não usava a menor inteligência. A inteligência é lúdica, é brincalhona, ela é a grande chave do mundo. Não é uma piada, mas é quase isso. Eu queria ser lúdica, queria que todo o mundo assistisse. São muitos anos de História, é um movimento grande que tem no filme. Eu tinha um medo terrível de que meu filme ficasse chato, exatamente porque responde a trinta e tantos anos de história. Por isso, tinha que ter bom humor, tinha que ter brincadeira, tinha que ter alguma coisa, tinha que ter bobagem no meio para que não pesasse. Não tinha jeito. Se eu fosse ficar falando sério iria ficar um “nhê-nhê-nhê”.

REC: *O recurso da pequena atriz, da mesma atriz que ouve o tio contando a história e que interpreta a infanta, é a ponte entre ficção e História?*

Carla: É exatamente a ponte da relação do que a História consegue guardar, porque o que fica de cada fato é a memória das pessoas, é a imaginação delas, é uma mistura entre a memória e a imaginação e não o real, não o fato em si. Todo o mundo pode verificar: por exemplo, há situações na vida pelas quais eu e você passamos juntas, só que você conta uma história e eu conto outra. Eu fico vendo isso na minha própria produção, eu vejo a Bianca² falar e penso: “nossa... a Bianca falou tudo diferente”. Não é que seja mentira ou verdade, ela está falando a verdade também. Mas o que para ela marcou foi uma coisa, o que marcou para mim foi outra. A importân-

cia de determinadas coisas no processo do filme para ela foi uma e para mim foi outra. E o que eu queria era ter o universo da imaginação. Acho que a escola não existe sem o universo da imaginação.

RCE: *No seu filme não tem herói, heroína; essa escolha foi devido à opção, à sua pesquisa, a uma narrativa diferenciada?*

Carla: Se você for olhar mesmo, não existem muitos heróis, muitas heroínas, nem sei se existem heróis e heroínas. Há pessoas que podem ter sido mais nobres durante a vida, mas daí a elas serem heróis ou heroínas... D. Pedro, no meu filme, é um pouco o herói, ele tem uma coisa heróica. Fiz questão de humanizá-lo, detesto a coisa desumanizada do herói. Ele era herói, ele era sedutor, as pessoas o adoravam, achavam ele o máximo, mas ele andava pelo meio da rua e era epilético, podia cair e ficar se debatendo. É uma fragilidade! E é lindo que as pessoas gostem dele mesmo assim e que se entenda isso definitivamente, definitivamente é muito duro, mas seria o ideal entendermos isso: as pessoas são um conjunto de coisas, cujos defeitos e qualidades são as mesmas coisas só que polarizados diferentemente. Assim, dependendo do momento, é uma qualidade, ou é um defeito. É muito louco isso, a obsessão pode ser uma qualidade ou pode ser um defeito.

RCE: *Mas de qualquer forma a historiografia que você buscou, a sua pesquisa, o seu roteiro vê a História de uma maneira nova?*

2. Bianca De Felipes, co-produtora do filme *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*. (N.E.)

Carla: Eu pesquisei desde Oliveira Viana, desde os autores tradicionais. Tive de tudo, não fui por nenhum caminho pré-determinado. Pesquisei até **Carlota Joaquina, uma rainha devassa**. Li manuscritos, cartas, jornais, poesias da época. O que eu gostava mais eram os originais, os manuscritos, são os mais interessantes. Mas mesmo dentro deles você tem diferenças, é complicado. Se você reparar, esse é um período pouco explorado, e não é à toa que ele é pouco explorado. Você chega a pensar que é porque todos preferiram que ele fosse apagado, que ele ocupasse uma página e meia ou duas de um livro de História, nas quais os fatos principais fossem abordados: Abertura dos Portos, Biblioteca Nacional, Formação da Escola de Medicina, Palácio, Jardim Botânico, blá blá e acabou. Foram embora, ficou D. Pedro. Aí passa por um momento

muito rico, que as pessoas não têm do que se envergonhar. Nós, enquanto Nação, não temos de nos envergonhar de nada.

Não sei se esta parte da História era muito conhecida, mas eu não queria usar um fato conhecido, a idéia era exatamente experimentar coisas novas. Prefiro que as pessoas não conhecessem para que elas pudessem apreciar alguma coisa diferente porque, se as pessoas têm muita experiência, elas vão passar o tempo todo dizendo que isso não vai dar certo, porque não é como elas conhecem.

RCE: *Como foi dirigir um longa com poucos recursos?*

Carla: Não acho que o meu filme teve poucos recursos. Tive os recursos que eu quis. Quem fez o orçamento fui eu, consegui o dinheiro que eu quis para fazer o filme. Não quero fazer filmes de um milhão,

Gentileza: Pró-Cultura



Uma das cenas finais do filme. Carlota diz: "... desta terra não quero levar nem o pó".

dois milhões de dólares. Não é o dinheiro que vai me dar a qualidade no tipo de filme que gosto de fazer. Eu preciso de um determinado "x", mas não quero gastar dois milhões de dólares, três, cinqüenta milhões. Não quero gastar cem, não quero, por princípio. Eu nasci no Brasil, e se eu tivesse dinheiro iria colocá-lo em outro lugar, não iria gastar em duas horas de filme.

RCE: *Você já sonhou ser a Woody Allen de saias: dirigir, escrever, representar. No Carlota Joaquina você diz ter feito de tudo, desde buscar recursos financeiros até pintar cenário. Esta é a maneira brasileira de conseguir fazer um filme?*

Carla: Não sei se ela é brasileira, essa foi a forma que eu encontrei. Fiz isso de uma maneira experimental... não é que eu falei, ah eu vou pintar cenário também. Mas aconteceu uma situação em que ou eu ajudava a minha equipe ou ficava tendo "piti". Eu preferi ajudar. Não gosto de crises, não gosto de brigar, não gosto de gastar minha energia brigando. Eu não acho que valha a pena. Gosto de brigar contra injustiças, por coisas que acho que realmente sejam aviltantes, mas você ficar brigando por causa de uma bobagem, para dar um esporro à toa, para fazer um "piti", isso não tem sentido. Isso é coisa de diretores de poder. Você vai lá e faz, o que eu quero é fazer meu filme, o que eu quero é que ele saia com qualidade. Então eu não esperava ir pintar cenário, mas precisou, fui lá e pinte. Não tenho o menor problema, sou muito boa para pintar, não caiu meu braço, não aconteceu nada. Rodei a cena ao invés de cancelar o dia e não

perdi dinheiro. São pequenas coisas nas quais se percebem posicionamentos falsos, completamente irritantes. Do ponto de vista de quem detém determinado tipo de poder e acha preciso se colocar de uma certa maneira para que o seu poder faça efeito, mas isso é uma bobagem. É como *glamourisar* o trabalho através do sofrimento. Isso é bobagem, se o trabalho tem algum sentido é quando ele é embebido de alegria e não quando ele é embebido de sofrimento. Este comportamento não o valoriza. É uma relação católica de culpa, que não precisamos ter.

RCE: *Você contou a história do período colonial a partir de um outro ponto de vista. O que representa para você a aceitação do público, a postura dos historiadores e as críticas dos descendentes da família real?*

Carla: Eu acho horrível porque sou uma pessoa muito séria, muito conseqüente, não sou boba, não sou criança, nunca precisei fazer nada para aparecer em nenhum sentido. Assim, acredito no trabalho. Não vendo a minha vida particular para aparecer, para ganhar mais uma "materinha" no jornal. Não gosto de escândalos envolvendo o meu nome. Então, nada que tem no meu filme tem o intuito de agredir ninguém. Eu me sinto gabaritada para conversar com qualquer professor de História e para conversar profundamente. Eu me sinto mesmo, sem medo, sem nenhuma insegurança. Vejo um professor e ele diz assim: "olha, eu sou professor, eu vou assistir ao seu filme", e eu digo "ah vai! tomara que você goste, acho que você vai

gostar”. Isso não me cria nenhuma adrenalina porque não vou mexer com a História do meu país deixando um rastro, um furo, um rombo. Afinal, sei que existem professores de História. Adoro História, era minha matéria predileta, sempre fui muito amiga de todos os meus professores de História. Eu sabia que meter a mão nisso era meter a mão numa casa de marimbondo. Você tem que estar protegida de alguma maneira. Você tem que estar segura do que está fazendo.

E quanto às críticas da família Real, prefiro não brigar, não quero brigar com eles. Porque primeiro, a minha intenção não era brigar com eles. Segundo, com certeza eu sei mais do que eles sobre esse período, e seria muito deselegante eu ficar batendo boca no jornal com eles. São pessoas que não conheço. Entendo que eles fiquem nervosos, mas na posição deles eu agiria de modo contrário. Estou falando do final da Monarquia Absolutista que não é um movimento que eles deviam querer ver renascer. Eu, se estivesse no lugar deles, estaria dizendo: “é isso aí mesmo, foi horrível esse final, mas o que a gente quer agora é outro *barato*”. A monarquia hoje tem uma outra leitura. Ela pode ser interessante, uma vez que um rei pode ser quase um embaixador do seu país. Agora, não dá para encher de glória aquele momento da monarquia.

RCE: *Podemos dizer que Carlota Joaquina é um recorde de bilheteria para o cinema nacional. A que você atribui tanto sucesso?*

Carla: Olha, o filme hoje acaba sendo um recorde. Mas recorde é aquela coisa, sempre acaba apare-

cendo um outro. Quer dizer, hoje ele é porque é o último filme que foi lançado. Foi recorde também outro filme que eu fiz, que eu adoro, que é o **Lamarca**, teve 120 mil espectadores. A gente já está em 300, e não estamos no Brasil inteiro. É claro que nesse sentido a gente é um recorde.

Eu acho que o sucesso é devido a ele ser um filme histórico, acho que isso vem... sei lá... Acho que não dá para a gente analisar a bilheteria, acho que não tem receita.

RCE: *Aqui em São Paulo o Projeto Escola levou milhares de crianças e adolescentes de primeiro e segundo graus a assistirem ao Carlota Joaquina. Esta aceitação por parte dos jovens representa um aval ao seu modo de trabalhar com a História do Brasil?*

Carla: Eu não sei, isso quem tem que dizer não sou eu. Quer dizer, o meu intuito era exatamente ter uma relação legal e divertir as pessoas, ou seja, queria ter um filme que interessasse desde crianças de dez anos até pessoas da terceira idade. Pegar todo o mundo, de A a Z, divertir todo o mundo. É claro que se uma pessoa muito mal humorada resolver levar aquilo tudo completamente a sério, ela não vai gostar do filme. Porque eu acho que levar as coisas a sério excessivamente só piora a sua vida. A partir do fato de você poder morrer a qualquer momento, a qualquer hora, sem nenhum aviso, já não dá para levar a sério. Quer dizer, já tem que ser mais engraçado, você já tem que levar na esportiva. O que eu queria era que as crianças se divertissem, que todo o mundo se divertisse e aprendesse coisas.

RCE: *Você acha que seu filme pode entusiasmar jovens e pesquisadores a estudarem mais a História do Brasil? Você pensou nesta possibilidade durante a escolha do tema e a execução do projeto?*

Carla: Não. Eu pensei em abordar determinados movimentos na nossa História, isso eu pensei mesmo, e estimular as pessoas a pensar sobre isso. Mas não os pesquisadores, não cheguei a tanto.

RCE: *Qual a contribuição que os meios de comunicação e aí o cinema podem dar à educação dos jovens?*

Carla: Ah, todas. Todas. Isto porque eu tenho um conceito próprio do que seja educação. Acho que educar é dar parâmetros, é dar noção, e não necessariamente dar regras, mas dar pensamentos filosóficos, dar entendimento, ferramentas para a vida; não necessariamente no sentido só do saber acadêmico, no sentido do "ó" do "bobó". Mas você poder dar ferramentas para a vida de uma maneira geral e as filosóficas são as mais sérias. E a melhor maneira que você tem para fazer isso é a cultura, é o cinema, é o teatro, é a música. Eles alimentam um ao outro. O mais importante é ter esse lado muito bem embasado. É mais fácil para você conseguir se dar bem na sua vida. Assim você prepara a sua personalidade e a sua alma para os problemas que você vai encontrar na vida. A nossa população carente tem esse lado alegre porque a raça negra tem isso de origem, de nato. Você vê pela música deles, eles têm uma alma alegre, divertida, uma filosofia que não tem conceitos

preestabelecidos. Os portugueses ficavam loucos: eles colocavam os escravos no navio para trazer da África para cá e muitos dos escravos morriam, pois estavam amontoados no porão do navio. Então os portugueses começaram a organizar revezamentos, colocavam duas horas um pessoal no Sol, descia e subia outro. Mas cada vez que eles colocavam os caras no Sol, os negros começavam a cantar e a dançar, ficavam duas horas dançando, duas horas cantando. E aí o pessoal que estava embaixo começava a pular também, e aí os portugueses ficavam loucos; para eles a viagem virava um inferno. Estas são realidades que a gente não entende e que às vezes precisam ser ensinadas em algumas culturas, em outras é nato. Não adianta você ser uma pessoa muito bem preparada se você não tem nenhum embasamento filosófico, qualquer porrada te derruba, qualquer peso te dá a sensação de fracasso, qualquer derrota é maior que o teu saber. Porque o que você não sabe é administrar a vida, a relação com a vida.

RCE: *Você está trabalhando no filme Copacabana, que trata da velhice. Por que você escolheu este enfoque e como a experiência de Carlota vai contribuir para este novo trabalho?*

Carla: Eu escolhi esse tema porque acho que a velhice é a história do homem, é a relação com a história do homem. Copacabana é engraçado, é divertido, e fala sobre a velhice. O Carlota contribui pela experiência que eu já tive, hoje já sei o caminho.

Gentileza: Pró-Cultura



RCE: *Vai ser também um filme engraçado?*

Carla: Vai. É sempre um risco cair na nostalgia, que é um passo da tristeza, mas depende de como nós vemos isso. O que eu acho engraçado é que os fatos que conseguimos transformar em sentimentos, em coisas divertidas, tornam a vida mais fácil. Quando você lida com a velhice, se você conseguir tratá-la com certo humor, com resignação, com a humildade de que essa é uma situação real, você provavelmente vai sofrer menos, vai se divertir mais, vai poder abrir mão de menos coisas. Você vai estar se colocando na sua posição real, quer dizer, com a humildade que a decrepitude física nos obriga a ter. Assim, provavelmente, você con-

segue viver melhor, porque você pode achar graça de você mesmo. O que eu quero dizer é o seguinte: é preferível viver rindo do que viver sofrendo com uma coisa que você não pode mudar. Quando falo assim, falo de um sentimento de humildade, o homem é obrigado a viver isso na velhice. A reduzir a sua potência, a reduzir a sua arrogância, porque tudo isso é o físico quem dá. Você ganha sabedoria, ganha inteligência. Se você sabe disso, se você administra isso, talvez seja mais fácil viver esse momento. Eu também não sei, porque não vivi. Como quero fazer um filme sobre o assunto, vou

tentar tornar isso possível. Não posso afirmar. Mas o que eu quero é provocar um olhar assim. E quero que crianças possam ver e possam achar engraçado, porque é legal desde criança você saber que isso vai te acontecer, e que isso pode ser engraçado e você pode não ter medo. Hoje, acontece uma coisa interessante, nós achamos que o velho nasceu velho, a gente se refere ao velho dizendo: "ah seu velho!", "sai daí velho chato". Velho parece que é uma coisa estanque, você é velho, você sempre foi velho. E uma coisa boa é refletir: "você será um velho chato em breve". Ou não, ou um velho super legal. Então, como administrar essa relação e o que há de melhor nisso? Quer dizer, é a nossa história, é a vida que a gente viveu.

RCE: *Você acha que o nosso cinema está num período de renascimento? A que fato você atribui isso?*

Carla: Acho sim. Ao fato de ele ter morrido. Como ele acabou, há uns dois ou três anos, a tendência agora é que ele ressurgja.

RCE: *Você acha que a qualidade é bem superior?*

Carla: Ah, com certeza.

RCE: *A nossa fase de Cinema Novo, do cinema pobre, depois a fase dos anos 70, do cinema buscando a estética, com a beleza... Hoje o cinema está mais amadurecido?*

Carla: Nós tivemos um cinema amadurecido durante muitos anos no Brasil. O que nos confundiu, o que enfrentamos como um problema sério foi que o Cinema Novo, por ser um movimento gerado por um gênio feito o Gláuber, acabou desestruturando o próprio cinema. Um gênio pode ter uma imagem própria, um gênio não depende disso, ele é um gênio! O que ele está dizendo independe da riqueza da imagem, o movimento da câmera dele é genial. Quer dizer, um gênio é um ser particular. Quando ele vira um outro mito, longe ou junto com ele as pessoas criam o seu gênio, pessoas que poderiam até ser excelentes diretores se assessorados com todas as coisas

normais, com uma boa produção etc. Mas, são pessoas que não podem ter uma idéia na cabeça e uma câmera na mão porque elas não têm uma idéia tão boa e também a câmera delas não é assim... O que não é nenhum problema. Existem poucos gênios, existem poucas pessoas geniais. Isso não é um demérito para ninguém que tenha feito parte desse movimento e que não tenha sido um Gláuber Rocha. Mas o problema é que quando você cria movimentos, todo o mundo quer seguir, é uma tendência normal. É uma coisa complicada. Foi um movimento muito forte, ficou com a cara do cinema brasileiro. Só que como não foi ele que fez todos os filmes... Com o filme **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, por exemplo, que está com cópia nova, é diferente, é outra relação. Quantos filmes desse período você pode continuar passando? Muito poucos. Então o que temos que ter é essa noção, isso acontece na História, movimentos às vezes são coisas inovadoras mas acabam degradingolando e indo para um outro lado.

RCE: *E hoje nós temos um movimento novo ou não?*

Carla: Não. Não sei se é um movimento novo. É muito difícil você estar no meio de uma coisa e ficar dizendo o que essa coisa é.